EDUCAÇÃO EM FOCO

DISLEXIA: DO CONCEITO A INTERVENÇÕES

THAIS SANTOS DE ARAUJO

RESUMO

Este trabalho de pesquisa apresenta aos leitores uma reflexão sobre a dislexia, demonstrando suas características, como identificá-la e de que forma pais e educadores podem trabalhar de forma conjunta, evitando assim um diagnóstico tardio o que dificulta o tratamento. A dislexia está presente na sala de aula, e por ser muitas vezes de difícil entendimento, alunos são mal interpretados e rotulados, quando na verdade precisam ser diagnosticados por uma equipe, formada por psicólogos, médicos, psicopedagogos e principalmente por pais e professores, que através da troca de informações dos procedimentos utilizados, vãos contribuir para que a criança possa ter um ensino que seja realmente significativo. Dessa maneira, este estudo permite compreender e conhecer melhor a criança tanto na sala de aula, como fora dela, acreditando que se bem utilizadas essas informações não só ajudarão os professores a melhorar a sua prática pedagógica como também proporcionarão outra visão do processo de aprendizagem.

Palavras-Chave: Dislexia, diagnóstico, professores, processo de aprendizagem.

ABSTRACT

This research work presents readers with a reflection on dyslexia, demonstrating its characteristics, how to identify it and how parents and educators can work together, thus avoiding a late diagnosis, which makes treatment difficult. Dyslexia is present in the classroom, and because it is often difficult to understand, students are misinterpreted and labeled, when in fact they need to be diagnosed by a team, made up of psychologists, doctors, psychopedagogues and mainly by parents and teachers, who through the exchange of information on the procedures used, they will contribute so that the child can have a teaching that is really meaningful. In this way, this study allows us to understand and get to know the child better both in the classroom and outside it, believing that if this information is well used, it will not only help teachers to improve their pedagogical practice, but will also provide another vision of the learning process.

Keywords: Dyslexia, diagnosis, teachers, learning process.

1 INTRODUÇÃO

Devido ao avanço do percentual de crianças diagnosticadas com dislexia

e sabendo que esta aparece principalmente no período inicial da aprendizagem da leitura e escrita surge a necessidade de aprimoramento sobre tal problemática, sendo que esta é agravada devido à ignorância ou até mesmo ao descaso de alguns professores, ao se depararem nessa circunstância.

Este artigo visa discorrer sobre a importância de entender as dificuldades de aprendizagem, principalmente a dislexia, encontrando formas de trabalhar com as crianças, para que tenham sucesso em seu processo de ensino na construção de uma educação mais participativa e efetiva.

Logo, através de revisão de literatura, este trabalho com características qualitativas foi realizado através da leitura de artigos científicos e consultas de sites de instituições confiáveis sobre o tema em questão. Buscando fins para subsidiar e suprir as defasagens sobre o tema, desde o diagnostico até práticas pedagógicas para extirpar situações que não são favoráveis ao processo de aprendizagem.

Para Severino (2000, p.58) “a leitura analítica metodologicamente realizada é instrumento adequado e eficaz para o amadurecimento intelectual do discente”.

2 DISLEXIA: DO CONCEITO A INTERVENÇÕES

2.1 DISLEXIA

Dislexia, antes de qualquer definição, é uma forma diferenciada que

alguns alunos apresentam no aprendizado, muitas vezes podem surpreender pela genialidade que demonstram.

De acordo com Santana e Barbosa (p.2, 2011):

[..]dislexia é um transtorno específico, sendo caracterizado

pela dificuldade na correta e/ou fluente leitura de palavras, na escrita e nas habilidades de decodificação, interferindo na ampliação do vocabulário e conhecimentos gerais, quando se comparam sujeitos com todas as habilidades preservadas e outros com transtornos de leitura e escrita com a mesma idade, escolaridade e nível de inteligência.

Segundo a Associação Brasileira de Dislexia, (ABD, 2010) ela é definida

como um distúrbio ou transtorno de aprendizagem na área da leitura, escrita e soletração, a dislexia é o distúrbio de maior incidência nas salas de aula. Em algumas

pesquisas realizadas em alguns países mostraram que o índice de disléxicos pode atingir até 17% da população. Este estudo vem contrariando o senso comum, que por diversas vezes rotula a dislexia como resultado de má alfabetização, desatenção, desmotivação, condição socioeconômica ou baixa inteligência. Ela é uma condição hereditária com alterações genéticas, apresentando ainda alterações no padrão neurológico.

Como a dislexia tem características de hereditariedade e genética, se a

criança possuir pais ou outros parentes disléxicos é importante que o diagnóstico seja realizado mais cedo possível. A criança passará pelo processo de avaliação realizada por uma equipe multidisciplinar especializada, que é de suma importância, pois caso contrário o diagnóstico será apenas de uma "criança de risco".

De acordo com o site "Dislexia" os principais sintomas que podem

ocorrer durante a primeira infância, podemos destacar: "Atraso no desenvolvimento motor desde a fase do engatinhar, sentar e andar; atraso ou deficiência na aquisição da fala, desde o balbucio á pronúncia de palavras; parece difícil para essa criança entender o que está ouvindo; distúrbios do sono; suscetibilidade a alergias e a infecções; tendência à hiper ou a hipo-atividade motora; chora muito e parece inquieta ou agitada com muita freqüência; dificuldades para aprender a andar de triciclo; dificuldades de adaptação nos primeiros anos escolares".

A partir dos 7 anos de idade surgem outras características, como por exemplo:

"Pode ser extremamente lento ao fazer seus deveres; ou, ao contrário, seus deveres podem ser feitos rapidamente e com muitos erros; dificuldades na compreensão do texto ou não lê o que escreve; a fluência em leitura é inadequada para a idade; inventa, acrescenta ou omite palavras ao ler e ao escrever; sua letra pode ser mal grafada e, até, ininteligível; pode borrar ou ligar as palavras entre si; pode omitir, acrescentar, trocar ou inverter a ordem e direção de letras e sílabas; esquece aquilo que aprendera muito bem, em poucas horas, dias ou semanas; é mais fácil, ou só é capaz de bem transmitir o que sabe através de exames orais; desliga-se facilmente, entrando "no mundo da lua";, não consegue concentrar a atenção em um só estímulo; baixa auto-imagem e auto-estima; não gosta de ir para a escola; esquiva-se de ler, especialmente em voz alta; perde-se facilmente no espaço e no tempo; sempre perde e esquece seus pertences; tem mudanças bruscas de humor; é impulsivo e interrompe os demais para falar; não consegue falar se outra pessoa estiver falando ao mesmo tempo em que ele fala; é muito tímido e desligado; sob pressão, pode falar o oposto do que desejaria; confunde direita- esquerda, em cima em baixo; na frente-atrás; dificuldade para ler as horas, para seqüências como dia, mês e estação do ano; dificuldade em aritmética básica e/ou em matemática mais avançada; depende do uso dos dedos para contar, boa memória longa, mas pobre memória imediata, curta e de médio prazo; dificuldades para andar de bicicleta, para abotoar, para amarrar o cordão dos sapatos manter o equilíbrio e exercícios físicos são extremamente difíceis para muitos disléxicos; com muito barulho, o disléxico se sente confuso, desliga e age como se estivesse distraído; sua escrita pode ser extremamente lenta, laboriosa, ilegível, sem domínio do espaço na página; cerca de 80% dos disléxicos têm dificuldades em soletração e em leitura".

Durante a fase adulta, ainda permanecem os s i n t o m a s s e não tiverem um acompanhamento adequado na fase escolar ou pré-escolar, poderão evoluir para o adulto disléxico, que ainda apresentará: continuada dificuldade na leitura e escrita; memória imediata prejudicada; dificuldade na aprendizagem de uma segunda língua; dificuldade em nomear objetos e pessoas (disnomia); dificuldade com lateralidade; dificuldade em organização; aspectos afetivos emocionais prejudicados, trazendo como conseqüência: depressão, ansiedade, baixa auto-estima e algumas vezes o ingresso para as drogas e o álcool.

Baseando-nos em dados da Wikipedia, de modo geral indicaremos as

causas de ordem pedagógicas a começar pela atuação de docente não qualificado para o ensino da língua materna, que desconheça a fonologia aplicada à alfabetização ou conhecimentos linguísticos e metalinguísticos aplicados aos processos de leitura e escrita; paralelamente podemos indicar também causas quanto às crianças com deficiência de memória de curto prazo crianças com dificuldades na discriminação de fonemas (vogais e consoantes) vocabulário pobre, conflitos emocionais e crianças com lesão cerebral.

Os sintomas já relatos só poderão confirmar a dislexia, depois de um

diagnóstico multidisciplinar, pois, sem uma avaliação específica, apenas podem indicar um distúrbio de aprendizagem.

O diagnóstico inicia-se quando é identificado o problema de rendimento

escolar ou sintomas isolados, que geralmente são percebidos na escola ou mesmo em casa. A partir disso deve-se procurar ajuda especializada. A Associação Brasileira de Dislexia (ABD, 2010):

"Aconselha que uma equipe multidisciplinar, formada por uma Psicóloga, deve garantir uma maior abrangência do processo de avaliação, verificando a necessidade do parecer de outros profissionais, como Neu-

rologista, Oftalmologista e outros, conforme o caso. A equipe de profissionais deve verificar todas as possibilidades antes de confirmar ou descartar o diagnóstico de dislexia. É o que chamamos de AVALIAÇÃO MULTIDISCIPLINAR e de EXCLUSÃO.

Outros fatores deverão ser descartados, como déficit intelectual, disfunções ou deficiências auditivas e visuais, lesões cerebrais (congênitas e adquiridas), desordens afetivas anteriores ao processo de fracasso escolar (com constantes fracassos escolares o disléxico irá apresentar prejuízos emocionais, mas estes são conseqüências, não causa da dislexia).

Neste processo ainda é muito importante tomar o parecer da escola, dos pais e levantar o histórico familiar e de evolução do paciente. Essa avaliação não só identifica as causas das dificuldades apresentadas, assim como permite uma Fonoaudióloga e Psicopedagoga Clínica inicie uma minuciosa investigação e um encaminhamento adequado a cada caso, por meio de um relatório por escrito.

Sendo diagnosticada a dislexia, o encaminhamento orienta o acompanhamento consoante às particularidades de cada caso, o que permite que este seja mais eficaz e mais proveitoso, pois o profissional que assumir o caso não precisará de um tempo, para identificação do problema, bem como terá ainda acesso a pareceres importantes.

Conhecendo as causas das dificuldades, o potencial e as individualidades do indivíduo, o profissional pode utilizar a linha que achar mais conveniente. Os resultados irão aparecer de forma consistente e progressiva. Ao contrário do que muitos pensam, o disléxico sempre contorna suas dificuldades, encontrando seu caminho. Ele responde bem a situações que possam ser associadas a vivências concretas e aos múltiplos sentidos. O disléxico também tem sua própria lógica, sendo muito importante o bom entrosamento entre profissional e paciente. Outro passo importante a ser dado é definir um programa em etapas e somente passar para a seguinte após confirmar que a anterior foi devidamente absorvida, sempre retomando as etapas anteriores. É o que chamamos de sistema MULTISSENSORIAL e CUMULATIVO.

Também é de extrema importância haver uma boa troca de informações, experiências e até sintonia dos procedimentos executados, entre profissional, escola e família.

O professor com formação ou informação efetiva em dificuldades de aprendizado pode tornar-se canalizador do encaminhamento de providências junto ao aluno disléxico. Mas o profissional naturalmente indicado para essa iniciativa é o psicólogo escolar que poderá tomar a iniciativa de comunicar a necessidade dessas providências aos pais dessa criança e de atuar como mediador entre os familiares e os diferentes profissionais que participem dessa avaliação diagnóstica. Programa Remediativo de suporte Psicopedagógico elaborado com base no diagnóstico diferencial em Dislexia, poderá, também, ser aplicado. Participação cooperativa do psicólogo escolar.

2.2 O QUE ESTÁ AO ALCANCE DOS PROFESSORES

A maioria das Escolas pelo menos do Brasil não dão suporte a crianças

e adolescentes com dislexia e nem ao menos conhecem isso. Tais alunos são tratados como todos os que não apresentam esse tipo de problema, e o possível baixo rendimento não é levado em conta como conseqüência da doença. A dislexia, como dificuldade de aprendizagem verificada na educação escolar, é um distúrbio de leitura e de escrita que ocorre na educação infantil e no ensino fundamental. Em geral, a criança tem dificuldade em aprender a ler e escrever e, especialmente, em escrever corretamente sem erros de ortografia, mesmo em alguns casos tendo o Quociente de Inteligência (QI) acima da média.

Estill (2005) salienta que é preciso ter uma especial atenção com as

crianças que gostam de conversar, são curiosas, entendem e falam bem, mas aparentam desinteresse em ler e escrever. Segundo ela, seria interessante, no caso de crianças leitoras, oferecer um mesmo problema matemático, escrito e oral, e comparar as respostas, pois, frequentemente encontramos respostas diferentes, corretas na questão oral e incorreta na mesma questão escrita.

A intervenção do professor no aprendizado de crianças disléxicas é

fundamental, inicialmente para que elas se sintam seguras, queridas e aceitas pelo professor e pelos colegas.

O professor deve partir do pressuposto que o disléxico tem uma

história de fracassos e cobranças que o fazem sentir-se incapaz, por isso motivá-lo exigirá do professor mais esforço e disponibilidade do que dispensamos com os demais.

O professor não deve temer que seu apoio ou atenção vá acomodar o

aluno ou fazê-lo sentir-se menos responsável. Depois de tantos insucessos e autoestima rebaixada, ele tende a demorar mais a reagir para acreditar em si mesmo.

A Associação Nacional de Dislexia (AND, 2010), sugere que algumas

atitudes sejam tomadas, como por exemplo:

“Trabalhar a auto-estima do aluno, buscando incentivá-lo a restaurar a confiança em si próprio, valorizando o que ele gosta e faz bem feito; ressaltar os acertos, ainda que pequenos, e não enfatizar os erros; valorizar o esforço e interesse do aluno; atribuir-lhe tarefas que possam fazê-lo sentir-se útil; evitar usar a expressão "tente esforçar-se" ou outras semelhantes, pois o que ele faz é o que ele é capaz de fazer no momento; falar francamente sobre suas dificuldades sem, porém, fazê-lo sentir-se incapaz, mas auxiliando-o a superá-las; respeitar o seu ritmo, pois a criança com dificuldade de linguagem tem problemas de processamento da informação. ela precisa de mais tempo para pensar, para dar sentido ao que ela viu e ouviu.

O professor deve certificar-se de que as tarefas de casa foram compreendidas e anotadas corretamente; certificar-se de que seu aluno pode ler e compreender o enunciado ou a questão. Caso contrário, leia as instruções para ele; levar em conta as dificuldades específicas do aluno e as dificuldades da nossa língua quando corrigir os deveres; estimular a expressão verbal do aluno; dar instruções e orientações curtas e simples que evitem confusões; dar"dicas" específicas de como o aluno pode aprender ou estudar a sua disciplina; orientar o aluno sobre como organizar-se no tempo e no espaço; não insistir em exercícios de fixação repetitivos e numerosos, pois isso não diminui a sua dificuldade; dar explicações de "como fazer" sempre que possível, posicionando-se ao seu lado; utilizar o computador, mas certificar-se de que o programa é adequado ao seu nível. Crianças com dificuldade de linguagem são mais sensíveis às críticas, e o computador, quando usado com programas que emitem sons estranhos cada vez que a criança erra, só reforçará as idéias negativas que elas tem de si mesmas e aumentará sua ansiedade; esquematizar o conteúdo das aulas quando o assunto for muito difícil para o aluno. Assim, a professora terá a garantia de que ele está adquirindo os principais conceitos da matéria através de esquemas claros e didáticos; "Uma imagem vale mais que mil palavras": demonstrações e filmes podem ser utilizados para enfatizar as aulas, variar as estratégias e motivá-los. Auxiliam na integração da modalidade auditiva e visual, e a discussão em sala que se segue auxilia o aluno organizar a informação. Por exemplo: para explicar a mudança do estado físico da água líquida para gasosa, faça-o visualizar uma chaleira com a água fervendo; não insistir para que o aluno leia em voz alta perante a turma, pois ele tem consciência de seus erros. A maioria dos textos de seu nível é difícil para ele”.

Segundo Tavares (2008):

O professor deve ler as atividades da criança de tal maneira que ele não subestime a sua habilidade. Respostas orais são as melhores indicações de sua habilidade do que o trabalho escrito. A avaliação deve ser feita de acordo com o seu conhecimento e não com suas dificuldades e seus erros ortográficos. (Tavares, 2008, p 22).

De acordo com Ribeiro (2008, p.49) quando o professor recebe um aluno

disléxico na sala de aula, devera acima de tudo ter a consciência de que ele é um aluno inteligente e capaz de aprender. O professor deverá primeiramente privilegiar métodos multissensoriais de ensino/aprendizagem, visto que alunos com esse distúrbio aprendem melhor através de diferentes modalidades sensoriais. Em segundo lugar, o professor deve promover uma visão positiva de leitura, visto que esse é o aspecto mais frustrante para disléxicos. Terceiro, o professor deve procurar minimizar o efeito que o diagnóstico da dislexia pode causar na criança e em outros, o que poderá afetar a auto-estima da criança. Em quarto, deverá haver uma promoção de padrões corretos de leitura, para servir de modelo para a criança com dislexia, e também deve haver um reforço pelos professores, das competências de leitura fundamentais, visto que essa é à base do problema da criança com dislexia.

Não bastam todos os cuidados já citados se a metodologia da avaliação também não se adequar a realidade do aluno disléxico, pois as crianças com dificuldade de linguagem têm problemas com testes e provas em geral, não conseguem ler todas as palavras das questões do teste e não estão certas sobre o que está sendo solicitado, elas têm dificuldade de escrever as respostas; a escrita é lenta, e não conseguem terminar dentro do tempo estipulado por isso recomenda-se que, ao elaborar, aplicar e corrigir as avaliações do aluno disléxico, especialmente as realizadas em sala de aula, adote alguns procedimentos: Ler as questões/problemas junto com o aluno, de maneira que ele entenda o que está sendo perguntado; explicitar sua disponibilidade para esclarecer-lhe eventuais dúvidas sobre o que está sendo perguntado; dar-lhe tempo necessário para fazer a prova com calma; ao recolhê-la, verificar as respostas e, caso seja necessário, confirme com o aluno o que ele quis dizer com o que escreveu, anotando sua(s) resposta(s) ao corrigi-la(s), valorize ao máximo a produção do aluno, pois frases aparentemente sem sentido e palavras incompletas ou gramaticalmente erradas não representam conceitos ou informações erradas;havendo a necessidade pode e deve-se realizar avaliações orais também.

2.3 O QUE OS PAIS PODEM FAZER

Os pais têm um papel importante junto com outros profissionais, no trabalho com as crianças disléxicas.

Se faz necessário um trabalho diferenciado e multidisciplinar, bem como a coope-

ração dos familiares, amigos e professores para que as crianças sejam inclusas e possam realizar todas as atividades de modo pleno, sem se sentirem diferenciadas por terem determinada dificuldade em decorrência de tal transtorno, pois essa dificuldade não pode aprisioná-las para desempenhar tais ações

Segundo a Associação Nacional de Dislexia (AND, 2010):

"Ser paciente com os progressos que ele fizer, quando estiver tendo atendimento apropriado. Ensinar a ele como se organizar, usando seu tempo da melhor maneira. Não vão acontecer milagres. Tudo isto leva tempo. É necessário muita determinação e esforço.

Ele poderá ter muitos desapontamentos como: ser chamado de bobo ou preguiçoso, chegar atrasado em compromissos, ter frustrações nos trabalhos escolares. Mas vocês como pais podem ajudá-lo a vencer a maioria deles, desde que percebam a tempo. Preste atenção nos sinais de stress, como enurese ou introversão. Não pense que necessariamente todos esses sinais são por causa da dislexia. Seu filho está crescendo e pode ter problemas como qualquer adolescente. Tem que haver uma intervenção gentil, mas com firmeza. Vários professores, psicólogos, clínicos e outros profissionais, de alguma maneira compreendem e são solidários aos disléxicos. Não o deixe desistir. Ele poderá ficar tão cansado com o esforço que faz na escola, que precisará, eventualmente, ter um dia mais folgado. Sua criança é disléxica e depende muito de sua atenção. Mas não dê mais atenção a ela do que aos outros membros da família. Nunca compare crianças. Você pode se tornar neurótico (a) ou super protetor (a), o que é um perigo.

Qualquer que seja a idade de seu filho leia para ele. Muitos disléxicos não compreendem o que estão lendo e é quando você deve agir. Digite suas anotações escolares. Algumas matérias podem ser gravadas em fita cassete desenvolva o interesse dele por arte de um modo geral (teatro, música, arte e música), assista TV, vídeos com ele e depois converse sobre o que viram, incentive as atividades livres, elogie, motive, informe e estimule sua auto confiança e sua auto-estima.

Não é simples ensiná-los a amarrar cordões em sapatos e a abotoar. Sapatos sem cadarços com elástico, ou velcro, podem diminuir o problema, apesar de não o resolver. Uma pessoa canhota exercita tarefas de maneira diferente da pessoa destra. Por isso se você e seu filho não usam o mesmo lado das mãos

(a mesma lateralidade), você deve ensinar essas tarefas em frente a ele. Caso vocês usem o mesmo lado, isto é, ambos são destros ou ambos são canhotos, você deve ficar atrás dele para ensiná-lo. Para ensinar a abotoar, sempre comece da parte inferior do botão e não em cima, pois fica embaixo de seu queixo e ele não poderá ver bem. Explique à criança o que você está fazendo, enquanto está executando a tarefa".

Dessa maneira, é fundamental que os pais também mantenham uma

relação saudável e que o trabalho desenvolvido em sala de aula seja estendido para dentro de casa com atos de motivação, durante todo o processo no qual a criança é encaminhada.

3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Portanto, com todas as informações dadas acima, rompe-se o mito e o senso comum que os alunos com mau rendimento sofrem de Dislexia, este é apenas um dos sintomas deste distúrbio de aprendizagem, e espera-se que o índice de diagnósticos errôneos realizados pelos professores, sem análise prévia de causas e muitas vezes, sem mudanças na intervenção pedagógica desses alunos, seja reduzido.

Se o disléxico não pode aprender do jeito que ensinamos, temos que

ensinar do jeito que ele aprende. Alunos disléxicos podem ser bem sucedidos em uma classe regular, pois o sucesso dependerá do cuidado em relação à sua leitura e das estratégias usadas.

A dislexia pode apresentar sintomas desde a primeira infância estão

convém os pais e se for o caso a escola observar o comportamento das crianças, pois quanto mais cedo for diagnosticada, melhor será para aprendizagem da criança, pois receberá tratamento especial para suas dificuldades.

Para um melhor resultado também convém esclarecer a necessidade de

um grupo de profissionais interagindo com os pais no ambiente familiar e com a escola e cada um, no seu espaço, deverá fazer suas intervenções desde atividades motivacionais até auxilio específico em atividades escolares. Desta forma um complementa o outro e cada um tem um papel importantíssimo na aprendizagem, todos se ajudando pela troca de informações e discussões quanto ao melhor atendimento dessas crianças, pois este é um trabalho necessariamente contínuo.

REFERÊNCIAS

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE DISLEXIA. Disponível em: http://www.dislexia.org.br. Acesso em de 20 de novembro de 2022.

ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE DISLEXIA. Disponível em: http: //www.andislexia.org.br. Acesso em 28 de novembro de 2022.

CAPELLINI, Simone Aparecida et al. Desempenho de escolares bons leitores, com dislexia e com transtorno do déficit de atenção e hiperatividade em nomeação automática rápida. Rev. soc. bras. fonoaudiol., Jun 2007, vol.12, no.2, p.114-119.

DIAS, Rosana Siqueira e ÁVILA, Clara Regina Brandão de Uso e conhecimento ortográfico no transtorno específico da leitura. Rev. soc. bras. fonoaudiol., 2008 vol.13, no. 4, p.381-390.

DISLEXIA. Disponível em http://www.dislexia.com.br. Acesso em 30 de novembro de 2022.

SEVERINO, Antonio Joaquim. Metodologia do Trabalho Cientifico. 21ª Edição. São Paulo: Editora: Cortez, 2001.

WIKIPEDIA. Disponível em http://pt.wikipedia.org/wiki/Dislexia. Acesso em 10 de novembro de 2022.

ZORZI, Jaime Luiz e CIASCA, Sylvia Maria. Caracterização dos erros ortográficos em crianças com transtornos de aprendizagem. Rev. CEFAC, 2008, vol.10, no. 3, p.321-331.

A DISLEXIA NA EDUCAÇÃO: INTERVENÇÃO PSICOPEDAGÓGICA. Disponível em http://www.nucleodoconhecimento.com.br. Acesso em 5 de novembro de 2022.

O QUE É A DISLEXIA E QUAIS OS DESAFIOS DA ESCOLA NA HORA DA INCLUSÃO? . Disponível em http://www.extraclasse.org.br. Acesso em 7 de novembro de 2022.

DISLEXIA NA EDUCAÇÃO INFANTIL: O QUE É, COMO TRATAR E OS DESAFIOS NO PROCESSO DE APRENDIZAGEM. Disponível em https://www.melhorescola.com.br. Acesso em 8 de novembro de 2022.

TRÊS MITOS DA DISLEXIA. Disponível em https://novaescola.org.br. Acesso em 9 de novembro de 2022.

CINCO PERGUNTAS SOBRE DISLEXIA. Disponível em https://novaescola.org.br. Acesso em 11 de novembro de 2022.

DISLEXIA: ATITUDES DE INCLUSÃO. Disponível em http://www.revistapsicopedagogia.com.br. Acesso em 15 de novembro de 2022.

O QUE É A DISLEXIA E QUAIS OS DESAFIOS DA ESCOLA NA HORA DA INCLUSÃO? Disponível em https://www.extraclasse.org.br. Acesso em 19 de novembro de 2022.